

A DEMOCRACIA

ORÇÃO REPUBLICANO

REDACÇÃO

32 Rua Gonçalves Dias 32

RIO DE JANEIRO, 12 DE JULHO DE 1887

ADMINISTRAÇÃO

32 Rua Gonçalves Dias 32

ANNO II

Publica-se tres vezes por mez

N. 32

ASSIGNATURAS

Anno. 65000

Rio, 12 de Julho de 1887.

CHRONICA POLITICA

A realza precisa quanto antes ser banida do Brasil.

Prova a nossa historia que ella tem sido não só imprestavel, inutil, mas nociva ao paiz.

Muito mais e melhor teriamos conseguido no caminho da civilisação sem ella e sem o appendice de males e misérias que nos affligem e tem sido a condição de sua existencia entre nós.

Estorvo perpetuo á marcha progressiva da nação, abafador de suas tendencias e aspirações generosas, por sua indole egoistica e retardataria; a realza é a escola funesta onde se educaram os estadistas que a tem servido no governo, e como ella, egoistas, retardatarios e tacaños.

Nada esperamos da realza a bem da patria; nem acreditamos que alguém sinceramente d'ella espere cousa alguma.

Pobre e inglorio foi o longo reinado do sr. d. Pedro 2º, que pode ser cognominado o corruptor; porque corromper em larga escala foi a sua unica missão.

Synthetizando em si e caracterizando a realza e a monarchia, o imperador tornou-se o guzano das consciencias.

Entretanto, ha ainda quem declare a sua confiança em sua magestade, para nos tirar da mar de lama em que todo este paiz se consere, irra mergulhado até que se resolva a questão abolicionista!

Infantil confiança!

Se foi o sr. d. Pedro 2º quem creou essa mar de lama; se foi sua magestade quem n'ella nos atirou e nos mantém; como acreditar que d'ella nos arranque algum dia?

Esperar da velhice de um rei o que elle não teve capacidade para dar-nos na mocidade nem na virilidade, é um cumulo.

Refractario sempre ás instituições de seu tempo, avançando hoje timidamente para recuar amanhã a passos largos, o imperador não pode mais ser susceptivel, marchando para o estado valetudinario, de uma energia que nunca revelou em outras epochas e circumstancias politicas e propriamente pessoasas.

No que concerne á extincção da escravatura, o abolicionismo augusto consistia em mostrar seu imperial agrado pelas obras d'aquelles que libertavam escravizados pagando-os aos intitulos senhores.

A concepção da realza não vai além da do fazendeiro mais ignorante e escravista.

Tanto que, para mais affirmar o seu abolicionismo, entregou o poder ao sr. de Cotegipe e a policia da capital do imperio ao sr. Coelho Bastos, ambos como todo o ministerio, desabuzados negreiros.

E conservou-os nos postos que lhes confluou, até que sua magestade adoeceu, melhorou, recahiu, convalesceu e finalmente partio para a Europa deixando ainda a patria como terra de escravos!

O reinado de quasi meio seculo de um rei sabio, philosopho, desapparece assim, silenciosamente, da scena como o ultimo comparsa

da muito conhecida farça constitucional representativa.

E' triste.

Precisa, quanto antes ser banida do Brasil a realza.

Parasita enorme, monstruosa; ella cresce e propaga-se no paiz, com immenso perigo para a fortuna e as liberdades publicas.

Dão, geralmente, como findo o reinado do sr. d. Pedro 2º, attento o estado mental em que s. mag. retirou-se para o velhomundo.

Mas, por desgraça nacional, a realza continua, prolonga-se sob a regencia da herdeira presumptiva da corôa.

Assim, inaugurou-se o 3º reinado, é voz publica. Mis, esta inauguração operou-se sob os mais infelizes auspícios:

Pela conjuração dos aulicos e sob a responsabilidade e direcção nefasta do sr. de Cotegipe.

Com a agilidade com que os macticos transpõem de sobre as arvores as margens de um rio, este sr. birão transpoz com a sua companhia o dominio regencial.

Era a sua mais ardente ambição.

S. ex. prosegue na administração do Estado.

A regente não vio motivos para mudar de empresario, quando este foi depor o cargo em suas augustas mãos. O sr. de Cotegipe satisfaz plenamente o seu publico.

O imperial theatro politico continua, pois, a ter o mesmo programma.

E' a mesma a ordem das representações e dos actores, dos quaes o sr. barão é o primeiro.

Assim era preciso para que o reinado da mystificação não soffra um só momento nenhuma solução de continuidade.

E assim se fez indispensavel para que a ignominia e o opprobrio d'esta terra cheguem até onde a imaginação mais inventiva e diabolica jamais possa attingir e a dôr e a vergonha dos patriotas não possam mais indignal-os.

Consideramos o passado e observamos o presente.

Este ainda mais esteril e sombrio que aquelle patenteia-se.

A decadencia da vida nacional não pôde ter mais evidentes attestações; de um a outro extremo do imperio o seu espectaculo, fátiga os olhos, entristece os corações, preoccupa os espiritos inda não embolados pela indiferença.

Das premissas que nos tem offerecido o governo da monarchia, outra consequencia não é possivel deduzir-se senão o mais negro futuro da patria.

A realza tem sido e não será mais que um architecto de ruinas.

A deploravel situação do paiz, a incapacidade demonstrada em um longo e infructifero reinado, nenhuma esperança deixam de melhor porvir, mas impõem aos brasileiros o dever de destruir o ninho que para a realza, ramo das dynastias corruptas e condemnadas da Europa, teceram de bôa fé os futores da independencia nacional.

Expillamos da America a realza.

Força é acabar com a unica excepção que somos na America republicana. Levantemos no continente brasileiro outra grande republica.

Porque?

Porque a monarchia é um absurdo, a negação da liberdade e da dignidade humana.

Porque a monarchia tem a realza e a realza é uma affronta ao senso commum.

Os poucos dias da regencia não offerecem margem a commentarios. Ella navega em mar de rosas.

O ministerio vai de vento em popa.

No parlamento a nota mais vibrante foi o jogo de cristas no senado entre o sr. Taunay e o presidente do conselho: um rompimento estrondoso, digno da mais mephistophelica hilaridade estrondosa.

O sr. de Cotegipe apenas confirmou o que todos nós sabiamos: ter sua ex. renegado o seu pssado de moço, em que era doido e queria o casamento civil, o que levou o sr. Taunay a gritar:

— Maldita a hora em que sua ex. criou juizo!

Apedrejar a propria mocidade é a taboa de salvação de todos os camaleões politicos.

Bella doutrina epicurista-monarchica de que se tem valido pseudo republicanos, para envergnarem a librdade e da democracia escusam-se de sua traição com os sonhos da mocidade.

Verifica-se o que temos aqui por vezes affirmado: a nenhuma esperança em que as idéas e projectos do sr. Taunay e outros raros membros do parlamento interessados do bem publico, fizessem carreira na actual situação, ou em outra qualquer da monarchia.

Desengane-se o sr. Taunay; a granle maioria dos partidos monarchicos no imperio, não tratam senão de subir de posições pessoasas e conserval-as; o interesse proprio é o seu unico ideal.

O que fôr de interesse nacional não é com elles.

A sua intelligencia não alcança a comprehensão d'essas cousas. Quando muito se elevará a altura de aproveitarem a ultima gota de sangue, o ultimo alento de vida do escravo.

Grandes politicos e estadistas que são!

As instituições que felizmente nos regem... Que mais quer o sr. Taunay?

Na camara baixa ha a notar-se a interpellação do sr. Maciel, não por sua importancia, mas por nos parecer uma parvoice.

Nunca vimos opposição liberal mais desorientada, mais destituida de talento, de objectivo, força e cohesão do que essa que perambula pela camara dos deputados.

A que triste e misero papel chegou a representação nacional do imperio!

Que espectaculo tedioso, desanimador nos offereca o recinto da camara em seus dias de sessão?

Quão differente do que outr'ora foi!

Por toda a parte só se vê e se apalpa a decadencia.

A decadencia!... A grande architectura da monarchia entre nós!

Mas... transcrevamos, para gaudio de anotadores, a interpellação apresentada pelo sr. Maciel, ex-ministro da situação liberal... in nomine.

«Se o governo julga possuir prestigio para tranquillisar o espirito publico, corresponder

às suas aspirações e merecer a confiança da nação».

Querem ver? Esta interpellação vai provocar a modestia do sr. presidente do conselho e seus collegas.

Com certeza.

TREPLICA

A *Revista Federal* honrou a *Democracia* e a *Vida Semanaria* com um replica a que por inadvertencia intitolou contestações, como se os collegas paulistas e nós tivéssemos ido tirar bulha com a excellente publicação do club riograndense, quando a verdade é que fomos chamados á falla, ainda que impessoalmente, interrogados sobre o separatismo, e admoestados por primeira vez.

Contestámos, de nossa parte, como a lingua nos ajudou, e dormimos o somno do justo, pensando ter offerecido uma defesa moderada, respeitosa e amigavel.

A replica da *Revista* confundio-nos: attentámos rebeldeamente contra a historia, de que não entendemos patavina; somos impertinente e fastidioso. São fastidioso tres vezes. E, oh supremo desdem unionista! — somos o inventor da polvora. (O collega diz o descobridor; talvez para mais nos pungir, dando a entender que outro a inventára, e nós a descobrimos quando andava perdido).

Não temos remedio senão voltar a pedir consolações á *Imitação*. Lá diz o livrinho:

«Bom é que padeçamos algumas vezes contradicções, e que os homens pensem mal ou pouco favoravelmente de nós, ainda que obremos bem e tenhamos boa intenção. Estas cousas de ordinario nos ajudam a ser humildes e nos apartam da vangloria».

Não zombe o collega, suppondo ter por contendor um beato.

Somos um pobre livre pensador, desamparado da fé; mas adoramos o *Livro de Job* e a *Imitação* como os dous maiores monumentos do engenho humano.

Nas suas paginas temos apprendido a resignação e a paciencia contra a injustiça dos amigos, que é de todas a mais dolorosa.

Examinemos serenamente a nossa divergencia no ponto em que a *Revista* a deixou.

Dissemos que a revolução de 1835 foi a mais separatista de quantas tem havido no Brasil.

No manifesto de 25 de Setembro, Bento Gonçalves, considerando terminada a revolução, que só se dirigira contra o presidente e commandante das armas, lembrava que todos deviam respeitar o juramento de fidelidade á constituição, ao throno constitucional e a integridade do imperio.

Expulso o presidente, os chefes do movimento declararam terminada a revolução, e fizearm protestos de adhesão ao governo do Rio de Janeiro. Do mesmo modo procedeu a assembléa provincial.

Nomeado outro presidente, os revolucionarios recando ser perseguidos, sahiram de novo a campo e deram alguns combates.

Falle agora o sr. Assis Brasil, que ha de parecer insuspeito á *Revista*:

«Todos perceberam logo e ao mesmo tempo que só havia um caminho que apresentava a sahida de tantos embaraços: era a separação da provincia do gremio brasileiro, com cujo governo se tornara incompativel qualquer harmonia. E assim solveu-se a crise».

O pronunciamento militar, iniciado sem intuito contrario ás instituições, creou taes embaraços e perigos, que forçou os revoltosos a romperem com o imperio.

«Neto acampava no dia 12 de setembro sobre a margem esquerda do rio Jaguarão, extrema do território brasileiro. Na tarde d'esse dia tomou a frente dos companheiros de armas e dirigio-lhes a palavra. Disse que havia já um anno que a provincia estava revolucionada; que o fim da revolução era libertal-a de uma odiosa facção retrograda, principalmente composta de individuos estranhos, mas que o governo, mandando perseguir os chefes revolucionarios, tirava-lhes toda a esperança de conseguir aquella aspiração; que só havia dois caminhos a seguir nas tuas circumstancias: a submissão com prejuizo da liberdade, ou a separação da provincia com a victoria dos principios, bem que com enormes sacrificios; que este ultimo era o unico compativel com a honra e o patriotismo; que por sua parte estava disposto a sacrificar tudo por este sentimento; que o Rio Grande, *desligando-se do Brasil, formaria um estado independente, sob a forma republicana*, mas que conservaria o amor antigo aos irmãos brasileiros, e accellaria em qualquer tempo a confederação de todas as outras provincias que se collocassem nas mesmas condições politicas...

Ergueram vivas á *Republica Rio-Grandense*, aos seus defensores, á religião e a Bento Gonçalves. Toda a columna respondeu com fervorosos brados.»

Pedimos venia ao distincto escriptor da *Revista* para não invocar mais autoridades, nem citar outros factos. Seria fastidioso.

Bem sabemos que havia no sul alguns federalistas, rarissimos, estrangeiros e sem adeptos. A sua propaganda se deve o apparecimento da palavra federação aqui ou ali, a revelar uma aspiração vaga e indefinida.

O facto que se impõe com a esmagadora evidencia é que a revolução foi essencialmente separatista. Tal se proclamou, e ao tal procedeu.

Podiam as necessidades da guerra levar forçosamente os rio-grandenses á Santa Catharina, e aconselhar a separação d'essa provincia para constituir-se estado independente, sem que a revolução perdesse o enredo separatista que a caracterisava.

Nem altera o estado da questão a promessa de aceitar em qualquer tempo a confederação das provincias que se collocassem nas mesmas condições politicas, isto é, que se fizessem estados independentes.

Não dizemos hoje outra cousa. Formemos estados, se queremos federação.

Ha quem entenda dever esperar que o Piauí se prepare, Sergipe d'El Rei se convenga, a Paraíba obtenha instrucções do sr. Antonio...

E dão-se por offendidos se lembramos a opinião imperial, que é tambem pela republica, mas para d'aqui a cem annos!

Perguntamos ao collega:

Em que nos equivocamos desastrosamente?

Qual a *temelheria* que proferimos contra todos os documentos e protestos da historia?

Quando procurámos *erradamente* encerrar em circulo estreito os intuitos dos *farrapos*?

A Revista tem, é certo muita auctoridade para apontar os nossos erros, equívocos, desastres e heresias. Mas, tratando-se de questões em que se nos affigura não caberem definições pontificias, nem virem de molde soluções dogmaticas, osamos pedir-lhe que cite os documentos historicos, e prove que a revolução rio grandense fora plançada de accordo com todas as provincias, e para a manutenção da patria grande.

Estamos promptos á mais completa retractação, e de bom grado faremos penitencia publica, abjurando as heresias que tivemos commetido.

Conte com a nossa docilidade.

NOTAS

Dr. Domingos Freire

A *Democracia* saudou com effusão d'alma ao illustre co-religionario e amigo Dr. Domingos Freire pela sua feliz chegada á terra da patria e associa-se ás manifestações publicas de que dignamente tem sido alvo pelos triumphos scientificos.

×

A *Democracia*. — Glz. Dias 32

E' este o unico endereço que nos assegura a chegada da correspondencia. Costumam no entanto escrever «Ao Obreiro do Porvir, Glz. Dias 40». Pedimos que attendam á corrigenda.

Post factum

Somos inclinados a dar razão aos indifferentes que olham para as cousas publicas com o nojo e a esquivancia que inspira um espectáculo repugnante e odioso.

Realmente, de que serve preoccupar-se de assumptos de si condemnados e notoriamente maleficos!

Ainda caberia a insistencia em criticar e commentar, se houvesse uma probabilidade longinqua de concorrer ao saneamento dos males que presenciamos.

Longe d'isso, fallar em politica nos tempos que correm é signal de pouco siso e de supina ignorancia: pois que deixa-se suppor que se acredita em reacção salutar e em remedio efficiente contra o transviamento colectivo.

O certo é que interessar-se um individuo em prol de ideias de perfeição e em restabelecimento de equilibrio, equivale a ser deumha lo de mentecapto, de inimigo da sociedade, de homem sem occupação seria e, portanto, merecedor de despreso.

Quem dá as leis e forma a opinião entre nós não são os que mais reflectem e melhor se conduzem. São, sim, os que a fortuida le de laços sanguineos ou a elasticidade de consciencia guindaram a uma posição onde exercem imperio illimitado.

Em regra, os maiores vultos da sociedade são ao mesmo tempo os mais refinados patoteiros e apontadores a origem e iminosa de sua exaltação.

Eles galgaram altura, isto é, accumularam fortuna ou obtiveram-se com emprego rendoso e olham com desdém para abaixo, onde nós nos esbafurimos com lamentos e imprecções impotentes.

A sua influencia não soffre contraste, pode tudo, porque faltando á maioria dignidade e consciencia de seus direitos, aceitam-se como grandes favores as parcas e mesquinhas concessões que aquellos fazem de tempos a tempos. A cegueira geral, por outro lado, não divisa os beneficios de um movimento harmonico, da união e congruamento dos esforços; de sorte que o bem de uns ha de invariavelmente constituir a antithese do de outros.

Na verdade, segundo as theorias em voga no Brasil, não ha parvos mais chapados e lastimaveis do que nós, os republicanos, visto que nos conjuramos contra o modo de ver e sentir de toda uma geração que nos contempla como a *avis rara*.

E'da mesma maneira que se classificam os espiritas, positivistas, os apellidados biblias, etc, os quaes todos arrancam do vulgo um sorriso de remoque e um gesto de compaixão.

Confirman este juizo que externamos a nosso respeito, os incidentes ultimamente occorridos com relação á doença e retirada de d. Pedro.

Não ha negar que a nação inteira permaneceu consternada durante o primeiro periodo, para depois entregar-se ás angustias que lhe e usou a partida do homem, indigitado aliás como principal senão unico factor das nossas desgraças.

Ficou-se nas lamurias e parlupatices de alguns gritadores!

Nós jamais serem os povo que inaugure um tribunal setembrista ou um cadafalso em qualquer praça que não seja para justicar a algum preito Tiradentes.

Que não faltar pretextos para desculpar a *sensibleria*, a pusillanimidade, está bem visto. O nosso, excellentes caracter e a immensa fidalguia de sentimentos que vibram em nosso coração deviam de facto revoltar-se pelos maus tratos e o exilio impostos não a um rei mas simplesmente a um mortal; ou, senão: não é a dor pelos padecimentos do monarcha, mas a negra perspectiva de um futuro envenenado que perturbava-nos a alma e a mentalidade...

Perdemos uma occasião, unica talvez, de effectuar o nosso resgate, varrendo durante o intervalo da mutação de scena, os histriões que occupavam o palco. Agora toca-nos resignar-nos e assistir a nova farça que se iniciou com summo gaudio dos que mantem-se entre bastidores e de posses dos empregos que que havemos de custear, inda que nos desforcemos em diatribes, murmurações e susurros sedic osos.

Fallemos sempre, embora se pareça a chover no molhado.

O mais que arriscamos é chegarmos a duvidar da nossa propria razão.

Se são tantos contra tão poucos!...

2 de Julho

Não queremos referir-nos ao patriótico 2 de Julho dos bahianos, mas ao «religioso» 2 de Julho fluminense. Marca-o a folhinha como o dia de visitação de N. Senhora á sua prima Santa Isabel. Festa com assistencia da corte, procissões e exposição do hospital da Misericordia á concorrência publica.

Contra o costume da exposição do hospital, ha dois annos pronunciou-se a imprensa diaria pelo orgão «Gazeta de Noticias».

Com as mais sensatas e valiosas considerações demonstraram-se os inconvenientes d'este costume, taes como o vexame inutil a que se submettem os enfermos expostos á curiosidade da turba-multa, e o comprometimento da cura e da vida de muitos. Pedia-se, finalmente fosse abolido tal costume e aconselhava-se á familia imperial se dignasse não comparecer a essa exposição, visto ser a presença de suas magestades e altezas o principal atractivo d'ella.

Foi pregar no deserto; o conselho não foi accito.

Este anno repetiram-se as mesmas considerações, os mesmos pedidos, os mesmos conselhos, e do mesmo modo foi tudo em vão.

A regente e sua corte compareceram; a concorrência publica foi ainda maior.

O accesso epileptico de uma enferma em presença d'aquella multidão, veio provar o acerto das censuras e a falta de caridade de toda aquella gente que vai alli por diversão.

O que, porém, queremos tornar bem saliente é que entre nós, nem directores, de estabelecimentos, nem povo, nem autoridades, nem governo, nem principes, acolhem censuras, conselhos e pedidos formulados em bons termos, e perseveram com desdém nos erros apontados, a despeito das consequencias funestas que podem ter e têm.

Chegaram a tal ponto os nossos costumes, dos quaes os principes, os governos e as autoridades dão ao povo os mais tristes exemplos, que não se pode exercer a censura com fraca esperança de algum exito, senão empregando incessantemente uma linguagem candente, d'essa de fazer chiar as carnes.

Santo Deus!

×

S. A. a Regente. Hontem e hoje

Na «America Litteraria», da *Lagomaggiore*, escrevem em 1875 a então, como hoje, princeza regente do imperio:

«Por seu nascimento ou outras circumstancias especiaes, póle a mulher ser obrigada a occupar posição eminente na sociedade; mas para onde a chamam de preferencia as leis da natureza e os impulsos do coração, é ao lado do esposo e dos filhos, na direcção do lar, junto do leito dos enfermos e ante os altares de Deus».

Não obstante esta opinião escripta, sua alteza é hoje, pela 3ª vez, regente do imperio e imperatriz em perspectiva.

Se nas duas primeiras regencias exercidas por sua alteza, não pudemos notar contradicção no seu procedimento com a sua opinião escripta, porque seu augusto pae muito voluntariamente entregou-lhe a chefia suprema da nação para ir viajar fóra do imperio, assim não aconteceu agora; porquanto é voz voz publica que s. alteza patrocinou a conjuração dos aulicos, ministros e não ministros, pela qual foi sua magestade constrangido a partir, a titulo de consolidar a saúde.

«Tempora mutantur...»

Entre Conservadores

Nos arruaes do partido conservador está se passando um facto digno de attenção.

Trata-se de saber se pelo rotulo se pode aceitar o conteúdo, independentemente de analyse e certificado, ou se bem avisado é o proloquio que diz: o habito não faz o monge.

O joven senador Taunay, paladino de umas tantas reformas, das quaes applaudimos algumas, e não comprehendemos outras, tem sido ultimamente denunciado com insistencia como isca lo de liberalismo.

Na camara dos deputados o sr. Andrade Figueira declarou alto e bom som, que caminho errado segue o conservador que toma por guia o sr. Taunay.

Ora ao sr. Figueira só falta o fanatismo catholico romano para que s. ex. tenha o direito de constituir o mais perfeito typo conservador.

Mas o illustre deputado pela provincia do Rio de Janeiro, se bem que autor de nota, não é autoridade canonica. Por enquanto está illeso da alta administração, e do titulo de conselho. Não é senador, nunca foi ministro, não tem assento no conselho d'estado.

Explica-se por isso, que o sr. Taunay não lhe oppuzesse contestação. O mandato vitalicio não derroga a explicar-se perante o temporario.

Veio depois o sr. Mamoré, senador e ministro e fez umas annotações ás obras do senador por Santa Catharina.

Desde então a controversia começou a depertar curiosidade e interesse.

O illustre ministro do imperio reúne seguramente qualidades muito importantes para ser juiz em taes assumptos.

S. ex., a'em da posição official que occupa no partido e nos conselhos da coroa, tem a vantagem de conhecer bem ambas as escolas politicas, theorica e praticamente.

Por ultimo arrazoou o sr. barão de Cotegipe, pontifice maximo da seita. *Roma locuta est*.

O nobre presidente do conselho declarou formalmente que o sr. Taunay apartou-se do rebacho conservador, fóra do qual não ha salvação.

Alguns liberais não deixaram de dirigir amaveis convites ao sr. Taunay para que mudasse de acampamento.

Sua ex., porém, fleou firme como um soldado, posto que sem bandeira e sem chefe.

A' fé, que seria para despertar admiração o entusiasmo a pertinacia do joven senador, se elle em vez de agarrar-se ás teias de aranha dos conservadores, ou de tomar ao serio as bandeiras liberais, tivesse tido a coragem de romper com todos os augures da politica imperial, e proclamar-se soldado do seu ideal, chefe da sua consciencia!

Não quiz, porém, ou não soube.

Prefiro usar do argumento pessoal, oppondo o Wanderley de 1840 ao barão de 1887, sem se lembrar que Wanderley era o progresso, a mocidade, a crença, e Cotegipe é a senectude, a ironia, o marco immutavel.

Aquelle era o escandalo do partido, este é o seu pontifice.

O sr. Taunay não se dá por despedido da communhão, e allega que foi eleito por conservadores.

Não parece logico. Se o joven senador foi investido do mandato vitalicio em virtude de suas opiniões, e se estas não tem o *placet* dos chefes nem se justificam deante dos principios; segue-se que os eleitores catharinenses são conservadores de rotulo, como o proprio sr. Taunay.

Liberal ou conservador não é quem assim se denomina, mas quem o mostra por palavras e actos.

Não pertence a um partido quem o assevera, mas quem se conforma com suas doutrinas e autoridades.

Ninguém acredita que sejam liberais os srs. Sinimbu, que aliás já figurou de chefe por aclamação da nobreza, Lourenço de Albuquerque e Rodrigues, ex-ministros do liberalismo, e outros. Do mesmo modo não ha quem possa chamar conservador ao sr. Alvaro Uchôa.

Nos partidos democraticos, cuja origem é a revolta, cujo principio cardinal é a liberdade em todas as suas manifestações, comprehendese a existencia de grupos e de atiradores independentes, tanto quanto se comprehende que o protestantismo, filho do livre exame, se fraccione em innumeradas seitas.

Não estão no caso os mantenedores do throno, do altar e da arca sancta.

Sua missão é *conservar* o legado de nossos paes, as crenças de nossos avós, as dadas de nossos reis. Seu officio é puchar o carro para traz, diz um dos notaveis. O mais que concedem ao seculo é algum retoque nas leis ordinarias, como explicava outro chefe.

Ora o sr. Taunay, reconhecendo que o paiz está atrazado e pobre, ignorante e escravizado, arvora logica e patrioticamente a bandeira das reformas radicais, que ~~escandalizam~~ os conegos do ambas as camaras, os retrogrados, os emperrados e até o liberalismo governamental.

E por obstinação ou capricho, ou falso respeito ao convencionalismo, apregoa-se genuino conservador!

Poderia intitular-se demagogo ou absolutista, azul ou amarello se a escolha do vocabulo fosse in differente á enunciação da verdade, e ao decoro de que todos devemos revestir o pensamento na sua manifestação exterior.

E' preciso retemperar o caracter nacional, acabando com os trocadilhos, pequenas habilidades e espertezas que tem constituido a politica brasileira.

×

O Diario de Noticias

Em seu exemplar de 9 do corrente este illustre contemporaneo lançou á publicidade algumas considerações em analyse ao eloquente manifesto que o Congresso Nacional Republicano acaba de dirigir a seus correligionarios e á nação.

Se bem que as *pretensões republicanas não causem receio*, o collega, contudo, entendeu conveniente promover, pelo exame critico das doutrinas contidas no manifesto, a defesa das instituições que *fazem a nossa felicidade*.

Sob o peso de tão ruim causa não é de admirar a inaniidade e a falta de fundamento de todas quantas proposições avançou, em má hora, o illustre collega.

De relance, vejamos o valor das principaes arguições:

Transcrevendo um trecho do manifesto, em quaesitações vigorosas, se pinta o artificio da nossa Carta, que de facto e de direito confere todos os poderes ao soberano, e se descreve o estado de profunda decadencia material e moral que esse facto origina tanto na esphera das relações publicas como no ambito das relações privadas; o illustre collega conclue que *de ta povo não é licito esperar um bom governo representativo, quer seja monarchico, quer republicano, porque faltam homens para ser eleitores e ainda mais estadistas com direitos a serem eleitos*.

O homem moral é o resultado do meio social em que vive, como o homem physico é o producto do meio cosmico em que se desenvolve.

A espoliação criminoso da soberania nacional, conferida pela Carta a uma familia de privilegiados, que pelo simples acaso do nascimento, tem o direito de gerir a seu talento, os altos destinos da patria, como approuver a seus caprichos ou a seus interesses, é accusa primordial do miserissimo estado do povo brasileiro que sabe que pelas leis fundamentais de seu paiz, está privado de todos os direitos e de todas as aspirações; essa terrivel absorção da nação pelo soberano, é que gera essa abjecta servidão politica em torno do manipanso imperial, fonte perenne e unica de todas as posições, de todas as honras e de todas as grandezas.

E' este o processo por que se tem abastardado o nosso caracter, afrouxado a nossa actividade e abatido o nosso brio. Conhecendo a impotencia das nossas melhores qualidades e dos nossos maiores esforços, annullados pela propria lei, degradamo-nos na adoração feticista do grande idolo que n'um só instante pode-nos cumular de todos os bens e de todas as honras.

Se de tal povo não se póde esperar um governo livre, se faltam homens para exercel-o e sustental-o, como o proprio collega diz, é porque assim o estatuto despoticamente em suas artificiosas determinações a nossa lei fundamental. Cumpra, pois, derrogal-a para dar livre expansão ao desenvolvimento da alma nacional.

E é isto que os republicanos querem.

A nota comica da defesa monarchica, produzida pelo illustre contemporaneo, é o profundo incommodo que causou ao collega o de-

sejo manifestado pelos republicanos, em seu programma, de fazer-se a abolição dos titulos de nobreza e condecorações.

Sente-se que esta aspiração ferio cruelmente os heraldicos brazões do nosso nobilissimo collega, neto em linha recta dos mais luzentes cruzados novos...

Os titulos em nosso paiz, afirma o collega, não envolvem privilegios—o que nós contestamos—e é uma pieguice dos republicanos querer abolil-os.

Maior pieguice parece-nos o empavesamento dos bufarinhos enriquecidos, com as frangulagens de uma nobreza caricata e tola, verdadeiros *heroes* de opera buffa soltos no meio da sociedade para gaudio e alegria de quem os queira desfrutar.

A nobreza, que foi uma instituição seria e proveitosa *em seu tempo*, é hoje um afago á vaidade, tão parvo e innocuo, que a monarchia brasileira, com todo o seu poder, ainda não póde fazel-a tomar a serio entre nós.

A independencia do poder judiciario é uma banalidade para o collega, que só comprehende este poder subordinado completamente ao executivo, servindo-lhe como um instrumento na distribuição da sua justiça e nos maneios e decisões de todas as suas tricas eleitoraes!

Triste obscação!

O suffragio universal e a intervenção do povo em todos os negocios publicos causarão calefrios ao collega!

Quer-se instituir a *tyrannia do vulgacho voluce e inconsciente*, exclama o collega e traça vermelhamente sinistras previsões de sangue e de desordem.

O que parece mais justo e mais ordeiro ao collega é que uns tantos, poucos, mas escolhidos, subordinados todos á vontade de um só, disponham a seu talante, de tudo quanto pertence a todos, e a todos interessa.

Ora o vulgacho... Para que serve o vulgacho? Que esclarecimentos poderá elle trazer á *gente fina, á gente esperta*?

Contente-se em trabalhar para encher as arcas do Thesouro, pague pontualmente os impostos, e tenha sempre a vida prompta para dar pela patria quando os que governam julgarem isso opportuno.

Entregue a sua bolsa e a sua vida com boa vontade, ou mesmo sem ella; que essa é a sua unica missão!

Justo e admiravel systema de governo! E ainda ha quem te defenda!

Pobre *Diario de Noticias*!

×

Tranquillidade da lavoura

Oh srs. ! Pois a lavoura ainda não está tranquilla?

Pois ainda vive em constantes sobresaltos, como dizem os srs. Alfonso Penna Andrade Figueira?

E' admiravel! E' incrível!

Pois ainda quer a lavoura mais tranquillidade?

Então, para que diabo servio a lei de 28 de Setembro, o fals, a celeberrima lei Saraiva Cotegipe?

Homem, essa!

Ainda ha propaganda abolicionista? Pois aquella lei, a sobredita, não foi propositalmente concebida, gerada, parida e educada para ser a assassina da tal propaganda?

Como é isso, sr. Andrade Figueira? Será certo que a lavoura não pode aproveitar tranquillamente o ultimo osso dos negros que lhe restam?

N'esso caso, meus senhores tranquilisadores da lavoura, porque não fazem outra lei?

Façam, enquanto é tempo. Está proximo o outro 28 de Setembro. A nova lei poderá ser assim:

Nenhum escravo poderá ser liberto senão depois da morte.

×

Estudos Economicos

Sob esta rubrica, temos sobre a mesa importantissimo trabalho de cavalheiro estudioso e proficiente.

Começaremos no proximo numero a publicação e esperamos que o leitor felicitar-se-ha comnosco de poder apreciar tão valiosa offerta

Congresso republicano

Convocado para 30 de Junho proximo pasado, reunio-se effectivamente n'essa dia, no salão do Club Tiradentes, o congresso republicano, e funcionou até 5 do corrente, dia em que encerrou as suas sessões.

Das medidas tomadas pelo congresso, as mais importantes são as que concernem á imprensa republicana n'esta capital e ao manifesto que acaba de dirigir ao paiz.

A necessidade de um órgão diario do partido não precisa ser encarecida, afim de todos os republicanos comprehenderem o dever de contribuir para fundal-o e imprimir-lhe estabilidade e força.

Fazemos os votos mais ardentes para que o órgão do partido republicano n'esta capital, possa ser em breve uma realidade.

No proximo numero d'esta folha daremos publicidade ao manifesto e aos demais trabalhos do congresso.

×

4 de Julho

Enviamos nossas saudações ao grande povo norte-americano, pelo 111º anniversario de sua independencia.

Com tanto maior jubilo o felicitamos, quanta é grande a nossa admiração pela sua energia, laboriosidade e amor ás instituições livres e profunda a sympathia que lhe votamos pelas qualidades excepcionaes que o caracterisam e o constituem o primeiro povo da terra.

Sirvam-nos ao menos a felicidade e a grandeza que soube construir em sua patria, de consolação e estímulo a nós, que vivemos tristes, pobres, abatidos no seio de um vasto e esplendido continente

Povo que tudo fizestes e tudo fazeis sem rei, nem realeza, recebei nossos applausos no anniversario da grande data de vossa historia.

MANIFESTO

Sr. Redactor d'A DEMOCRACIA

Aceitando com prazer o vosso jornal, procuro cumprir o dever de manifestar-vos pela elevada protecção que nobremente derramaes com esmero, embora seja tarefa bastante ardua aos olhos dos que só visam o interesse particular.

E' honroso fertilisar os espiritos abatidos com o cunho da verdade para erguer os refractarios ao legitimo meio de representação nacional e voltarem com vivos protestos contra os desmandos vexatorios que só tem servido para esterilisar e levar ao nivel do nada este paiz perante os outros.

As innumeradas descobertas é a grande lanterna que nos guiará a alcançar no porvir as laureas conquistadas e de que somos devedores ao Proto-Martyr Tiradentes, que guardando nos corações bem formados, martella o cerebro ha quasi um seculo, dia e noite sem cessar, prégando e exigindo-nos com toda a justiça o premio que em vida não pou le obter.

A descrença dos povos constitue a fé, a confiança, o alimento e a base dos governos illegitimos.

Tal é a chave da politica que tem posto um esmero singular em desacreditar homens, instituições e principios.

Desolvidos pelo influxo deleterio de um poder corruptor, que entretém as ambições e mystifica os partidos, sem cunho proprio e direcção conhecida, estes vogam ao acaso como abandonados esquifes nos mares da opinião.

Principios, crenças, cohesão e energia, tudo perderam. A acha do poder reduziu-os a detriectos e amontou-os em ruinas.

Mas não está tudo perdido. O patriotismo, a coragem, as crenças, a honra transmigram, renascem no coração do povo e das gerações que succedem.

Os decretos dos destinos não raro se offercem sob o aspecto de um motejo.

O poder que *tudo pode* planeando a ruina da nação, prepara elle proprio a queda de suas usurpações.

Coragem, energia! o que vemos não é a morte, é a transformação é a vida é o brôto vigoroso dos principios, que não morrem, rompendo as vestes caducas de um systema condemnado.

Dos perigos que ameaçam a carcomida e vacillante monarchia, nenhum até agora tem sido mais temivel do que a propaganda republicana.

Com raidez invadida se propagou nos extremos do corrompido imperio, congregando em torno da sua bandeira cidadãos conspícuos e amantes do paiz, caçados e enojados das astucias e vacillações do imperialismo, que disfarça com mal alinhadas apparencias o espectro repulsivo do despotismo, que já tem custado tanto sangue e ouro inutilmente.

Comprar os republicanos, amordaçal-os com honras e distincções é tarefa tão impossivel como a de encadear o espirito, a de prescrever ao espirito que não pense, que estacione perpetuamente deante de um homem grotescamente vestido de um jaez que só deveria ter cabida n'algun guarda-roupa de mascarados.

Toda a receita do Brasil com o sobre-peso dos ridiculos, titulos e condecorações, hoje unicamente desejado pelos nescios e acidiosos, não bastariam para deter um momento a onda do pensamento que se encapella e rug nas profundezas da consciencia publica prestes a derroir o throno.

N'esta critica situação a monarchia lança mão da unica arma que lhe resta contra o rapido progresso das idéas democraticas.

Chama á defesa de seus bastardos interesses a multa, sempre faminta dos escribas vulgares e da imprensa mercenaria, com o intuito de oppor a propaganda da monarchia á propaganda republicana.

Planta exotica, transplantada do velho mundo, a monarchia não pode medrar no solo virgem da America, filha dilecta da democracia.

A mocidade entusiasta sauda os apóstolos das novas idéas, e agrupando-se em torno da bandeira democratica, trabalha com toda a pureza e sinceridade de corações ainda não eivados de corrupção, em preparar o paiz para uma mudança radical de forma de governo sem as convulsões de um cataclysmo, sem effusão de sangue, que todos nós desejamos poder evitar

Astufosamente os monarchistas preparam uma estrada por onde melhor possam firmar a jornada politica e terem junto desí, ao inferno de um viver cruento os que, erronosa ou intressseiramente acompanham, afirmando-os e convencendo-os que o governo republicano será hostil, oppressor, anarchico, demolidor e que nunca mais haverá garantia para o cidadão.

Diz Gambetta em seu discurso de Grenoble perante numeroso auditorio que o a-plaudia freneticamente:

«H-je é preciso descer ás camadas ás ordens profundas da sociedade; é preciso comprehenler que só da discussão manifestada, contradictada, e que tem a encontrar tantas afirmações, quantas negações póle apresentar a opinião— pois a democracia não é governo da uniformidade, nem d'essa disciplina passivel ideal dos outros partidos; é o governo da liberdade de pensar da liberdade de agir.

«D'ahi, consequentemente, a necessidade de perenne communicação de todos os cidadãos entre si quando o queiram ou como queiram sob a condição unica — *condição unica*—de deliberarem pacificamente, sem armas, como diziam os primeiros legisladores da Revolução Franceza, afim de não fornecerem a ontem a tentação de violar o direito dos mais».

Portanto o vosso jornal brillará e transcurrará impolluto no continente da America e fora; porque, não é uma luz opaca ao solo que se deve presar em ser pelos outros considerada como legitimamente o é, fertil de intelligencias notaveis, as quaes mais tarde comprectas pelos sentimentos d'alma, consolidarão aos reclames que illustremente acclamaes e apatrocinaes pela grandiosa invenção de Gutenberg.

O obscuro cidadão que vos felicita n'este canto do continente tem momentos de recordações como a que teve Franklin pela invenção do para-raios; poram, estaes com a palavra pela imprensa; defendereis os nossos principios condemnando os abusos descommunal-

mente introduzidos n'este paiz, e eu, longinquamente observarei com o telescópio da prudência e do progresso até que toquem a meta da verdade e seja arvorada a bandeira da Republica para gloria dos Brasileiros.

Vosso correligionario
ANDRÉ AUGUSTO JOHANNY.
Marianna, 16 de Junho de 1887.

PENSAMENTOS DESTACADOS

O dia mais feliz da minha existencia seria aquelle em que eu pudesse salvar a vida do meu inimigo, sem perder a minha propria... *ça va sans dire.*

Seria loucura dar a vida a meus inimigos, quando meus amigos d'ella precisam.

Um physiologista, contrariando a doutrina de Darwin sobre a origem das especies, sustentou vantajosamente que o homem não descende do macaco, visto constituir elle uma especie de macaco, muito imperfeito. Na verdade, não consta a existencia, entre nossos suppostos progenitores, de crimes celebres, de reis tyrannos, de guerras sanguinarias, das perfidias e traições tão communs na especie humana. Physica e moralmente, a sua sociedade é tão democratica, que nem comprehendem essas monstruosidades que nos affligem, sem termos podido abolil-as: o altar, o throno, o jesuita, a força.

Assim pois ficou provado
Que o orangotango, o barbadão.
São nossos superiores;
Porém não progenitores.

Os pensamentos mais intimos de uma donzella, incluindo as mal definidas tentações, que lhe fazem pulsar o coração ainda puro, constituem thesouro precioso, digno de ser confiado a Deus e, mais tarde, ao esposo escolhido. Aquella, que ajoelha-se no confessional para manifestar os a um padre, desquinta-se do seu creador e *perde a virgindade moral.*

O homem, para ser feliz na sociedade deve ser reservado sem ser jesuita; communicativo sem ser sacco roto; generoso sem ser perdulario; valente sem ser fanfarrão; prudente sem ser medroso; independente sem ser orgulhoso, alegre sem ser galhofeiro, serio sem ser triste, amante sem ser apaixonado, sabio sem ser impostor: *voult le bien heureux!*

SYNOPSIS

DAS CARACTERISTICAS DO IMPERIO (Continuação).

Seguem os tramites dos seus maiores a turba-multa dos vadios, as pandilhas de indigesto saber, as quaes, entretecendo a intriga, realisando os passes dos pelotiqueiros de feira, a sacudir os guizos, a menear os thuribulos de vergonhoso atraso e valimento, floream lentejoulas de seu pedantismo e incompetencia...

A impostura coroada dos laureis do civismo e do saber, o orgulho sem caracter, a vaidade, a philautia, o culto idolatra do Eu, a deshumanidade, tripudiam por toda parte...

Dos instinctos dos habitantes se apodera multiplice e phrenetica a tavolagem, ora como expediente de vida, ora como industria suicida do pensamento, e evidente narcotico de consciencia fraca, viciosa, infeliz ou perversa.

O despotismo empavona-se, alardeia com a oligarchia; o não senso de suas concepções, provoca applausos dos alcaioes, e, ao ruido das aclamações compradas, conspira contra os direitos, conculca os explorados, e roda os carros da irrisão, cobertos de filigranas, como se fossem redes de abordagem oppositas aos eternos, aos inilludiveis assaltos da razão instruida e livre, luminosa e indomita...

A corrupção e a arte dos sycophantas, mudos ou parlendarios, pretendem a suzerania, o feudo de todos os empregos publicos, de de todas as funções do Estado...

Ail dos que não reiterassem, dos que não reiterem frequencias ás escadas e alcovas ou sagudes dos fallaciosos palacios; ail dos que não fizerem affluir dinheiro ás bancas e ás carteiras dos pretensos *servidores do Estado*, isto é, dos co-reus incumbidos da collecta multiforme para elles mesmos e para os correligionarios da hydra da venalidade...

Surge aqui o tartufismo religioso, incubam-se alli as embrutecentes praticas do paganismo transvestidas, traidoras, intolerantes e intoleraveis...

Aviventam-se aquelles lórvos processos medievos pelo ascendente dos quaes o sacerdotio tem calculado, em toda parte, firmar seu predomínio exclusivo, como sociedade soberana e com chefe estrangeiro, no mrio de todas as demais sociedades de que, aliás, requetara, sollicitou sempre, tem sempre subtraído e usurpado privilegios, para sustentar-se e explorar-as no decurso dos seculos...

Envernizam-se, além, os anachronismos odiosissimos, as tradições nefastas romanos-bysantinas, os sombrios methodos de mysteric e delação do governo de Veneza...

O luxo de opprobriosa origem e os festivaes os risos e alegrias sem causa decente e racional, os tentamens, dir-se-hia quasi como um sudario dissimulador de equivocacões elevações, de ridiculas apoteoses, de subitas e deploraveis grandezas, transparentes miserias!

A mais soez immoralidade, a mais vil devassidão, o cynismo e a libertinagem bestiaes, o interesse do mal pelo mal, se cultivam, ás escancaras entre as chusmas da plebe, nos regimentos dos cortesãos e entre a apregoada aristocracia, tanto quanto entre os inquisidores, os familiares, os malsins, os officiaes do Santo-Officio monarchico religioso entre os promotores do *auto da fé* social para tormento e morte á liberdade, á igualdade, á fraternidade humana...

SECÇÃO LITTEARIA

Nuvem maldita

Scintilla no meu cerebro o talento,
N elle fervem confusas mil idéas;
Uma nuvem as prenhe em suas teias,
Estorvando o labor do pensamento.

Embalde exponho o craneo a frio vento,
Abelhas em desordem nas colmeias,
Em vez do doce mel tiram das veias
O fel amargo de cruel tormento.

As idéas—abelhas se enfurecem
No cortiço ideal, loucas, zumbindo;
Do raciocinio os fios já não tecem.

A luz da intelligencia vae sumindo,
Nada mais os sentidos lhe fornecem;
O phantasma da morte surge rindo.

NIOTTO (LYKO).

A FORÇA DO DESTINO IX

A ESPONJA NO PASSADO

Depois que perdeu o emprego e tornou-se francamente amante de Juliana, Manoel Martins não tratava de seguir nem a mesma, nem outra qualquer profissão. Dava-se mais a ociosidade que ao trabalho. Como acontecia a muitas mulheres que amam, a viuva era para elle de uma dedicação digna de um poema se fora mais elevado o alvo de seus sacrificios, e entregava-se corajosamente aos mais rudes labores physicos para subsistencia sua, dos filhos e do amante. Enquanto Manoel Martins andava sempre farto e *catita*, Juliana e os filhos viviam quasi em miseria.

Deve-se acreditar que ella não julgaria isso uma escravidão qual aquella a que não se quizera submeter com o segundo casamento.

Não obstante, entendeu o rapaz que a carga pesava-lhe de mais, justamente por ser elle apenas um zangão n'aquelle cortiço.

Um bello dia sahio como de costume, mas não voltou á casa n'esse dia, nem no segundo, nem no terceiro. A ausencia, passando de dias a mezes chegou a exceder de um anno sem novas nem mandado.

Muito se alligiu a principio Juliana, imaginando que tivesse elle sido victima de alguma desgraça, mas depressa se convenceu do contrario e outra foi então a sua magua.

Um ou outro boato corria; ora o davam no sertão, ora no Recife, ora na Bahia.

Assim passaram-se dois annos para a viuva. Em silencio tragava Juliana este abandono, uma injuria que a pungia e humilhava dolorosamente.

Encerrava-se no seu quarto e antes de deitar-se chorava horas inteiras. Recordava-se então do mal, que por amor de Martins praticara em casa do tenente, reflectindo que o que agora lhe acontecia não era mais que uma vindicta do destino. Foi então que a consciencia, parecendo emergir de um grande pelago, se lhe tornava momentaneamente clara e integra.

Consolou-se com o tempo e por fim delibherou mudar de terra. — Já agora, ora adeus! vamos tentar fortuna.

Preparou-se o melhor que pôde e partio para o Rio de Janeiro muito antes do terente Lins. Os filhos...esses ficaram em Santa Luzia do Norte entregues a uns parentes pobrissimos.

O seu inicio no Rio de Janeiro foi um successo. A sua b'lleza e a sua graça fizeram furor na roda dos *leões*. Não passou-se muito tempo que não se visse bem collocada á sombra de um rico capitalista, cuja bolça não trazia para ella apertados os cordões... Julgara-se então feliz e bem compensada das antigas amarguras na provincia.

Estava n'esta risonha situação quando encontrou-se com o tenente Lins.

Pouco conversaram durante o tracto dentro do carro que os conduzia á casa de Juliana; mas foi quanto bastou para que ficassem conhecendo reciprocamente a situação de cada um.

D'elle não conseguiu mais a viuva sinão isso: acompanhá-la até a sua porta.

Lins não aceitou ingresso, a despeito das mais amaveis e quasi supplicantes diligencias. Recusou todos os serviços e obsequios que ella lhe offereceu para quanto precisasse.

— Vejo que ainda guarda sentimento. Não deixa de ter razão; mas não deve tambem ser inexoravel agora. Quem fez o mais, que foi socorrer-me ha pouco, pode fazer o menos... desejava tanto ter noticias de nossa gente.

— Desculpe-me, minha Senhora; para outra vez; agora é impossivel.

— Minha Senhora? Para que esta cerimonia? O'he... attenda...

— Tenha paciencia; absolutamente não posso hoje; virei outro dia, sim?

— Quando?

— Qualquer dia. Adeus.

Retirou-se apressado o tenente, pedindo a Deus não encontrar-se mais com Juliana.

Esta ficou um momento sobre o primeiro degrau da escada, meditativa, depois subio devagar, um pouco triste, sentindo-se como que humilhada pela tenaz recusa do tenente.

Ao seu aposento recolheu-se Lins a murmurar:

— Que interesse tem esta mulher em reconciliar-se commigo? Para que? Quer que eu passe, certamente, a esponja no passado.

E poz-se a cantarolar entre dentes uma sextilha provinciana:

Pois não: está servida;
N'esse feio passado
A esponja já passei;
Está tudo apagado:
Não saibi ella de mim,
Tambem d'ella não sei.

(Continúa)

ANNUNCIOS

ATELIER CAÑIZARES

Offerece ao respeitavel publico retratos a oleo, crayon, decorações de templos, vistas de fazendas, etc., etc., tudo com a maior perfeição e a preços razoaveis.

40 RUA DE GONÇALVES DIAS 40

BIBLIOTHECA THEATRAL

Collecção de peças de theatro que mais voga tem feito nos theatros da Corte e Provincias, editadas pela livraria Serafim

73 — Rua Sete de Setembro — 73

RIO DE JANEIRO

DRAMAS, OPERAS, COMICAS E OUTRAS PEÇAS DE GRANDE ESPECTACULO

Peças de Arthur Azevedo

Falla, opera burlesca.....	1\$000
A princeza dos Tajueiros.....	1\$000
Abel, Helena.....	1\$000
A filha de Mari Angé.....	1\$000
A casadinha do fresco.....	1\$000
Jerusalem libertada.....	1\$000
Por um triz coronel, proverbio em 3 actos.....	\$500
Amor por annexins.....	\$500
Uma vespera de Reis	\$500

Eduardo Garrido

Boccaccio.....	1\$500
Viagem á lua.....	1\$000
O joven Telemaco.....	1\$000
A Mascotte.....	1\$000
Os sinos de Corneville.....	1\$000
Sonhos d'ouro, peça fantastica em 3 actos.....	1\$000
Os Trinta Botões.....	\$500
Por um triz.....	\$500
Quasi que se pegam!.....	\$500
Um alho.....	\$200
O meu amigo banana.....	\$200
A bengala.....	\$200

Coração e Genio, drama familiar, pelo Dr. Pires Ferrão.....	1\$000
As duas orphãs, celebre e importante drama em 5 actos.....	1\$000
Aimée ou o assassino por amor, bello drama.....	1\$000
A Judia, notavel drama de Pinheiro Chagas.....	1\$000
A morgadinha de Val-flôr, pelo mesmo.....	1\$000
Os Lazaristas, drama em 3 actos por Antonio Ennes.....	1\$000

Comedias, com e sem damas

Antes do Baile, comedia em 1 acto.....	\$500
Judas em Sabbado d'Alleluia, celebre comedia de costumes nacionaes por Penna.....	\$500
Os dous ou o inglez machinista, pelo mesmo.....	\$500
A Morte de Gallo.....	\$500
Quasi ministro.....	\$500
A joia das joias.....	\$500
Um diabrete de 16 annos.....	\$500
Um idioma.....	\$500
Uma prima e tres bordões.....	\$500
Um quarto com duas camas.....	\$500
Os maços e o bispo.....	\$500
Club Godipán.....	\$500
Dous alraz de um.....	\$500
Beata de mantilha.....	\$500
Bolsa e Cachimbo.....	\$500
Um marido victima das modas.....	\$500
Uma criada impagavel.....	\$500
Cumes de um velho.....	\$500
Resonar sem dormir.....	\$500
Por um triz.....	\$500
A ordem é resonar.....	\$500
O diabo a quatro n'uma hospedaria.....	\$500
Uma experiencia.....	\$500
Os dous candidatos.....	\$500
A cata do Mané.....	\$500
FFFF e RRRR.....	\$500
Baptismo e casamento.....	\$500
Architecto das moças.....	\$500
Tribulações d'um estudante.....	\$500
Quasi que se pegam.....	\$500
As saias nas calças e as calças nas saias.....	\$500
223 por 223.....	\$500
A monomania.....	\$500
Um quadro de casados.....	\$500
Uma scena no sertão de Minas.....	\$500
O diabo atraz da porta.....	\$500
Scenas na Foz.....	\$500
Dous criados felizes.....	\$500
Enviado de Roma.....	\$500
Embrulhada familiar.....	\$500
Fablia.....	\$500
A morte de Catimbão.....	\$500
Falta de miudos.....	\$500
Gravata branca.....	\$500
Mania franco-prussiana.....	\$500
Matei o Chim.....	\$500
Nova Casto.....	\$500
Nas horas das consultas.....	\$500
A saia balão.....	\$500
Veterano da independencia.....	\$500
Art. patria e caridade.....	\$500
Os deuses de casaca.....	\$500
Os dous amores.....	\$500
Dois fingidos.....	\$500
O primo da California.....	\$500

Typ. d'A DEMOCRACIA.